

ELSINORE

JOÃO REIS



A
AVÓ
E A
NEVE RUSSA

1.

Ao perguntar à Babushka se odeia os russos, ela encolhe os ombros e diz-me que não, porque então teria de odiar todos os homens — no fundo, são todos iguais, sejam eles americanos, russos ou canadianos. Dá-me sempre a mesma resposta e sorri-me, e talvez não deteste todos os homens porque esse ódio seria muito cansativo. Mas penso que não pode ser verdade que não goste menos dos russos ou mais dos canadianos, nem que seja um bocadinho. Aqui, no Canadá, não a fizeram engolir ventos atômicos.

Quando eu ainda não tinha nascido, a Babushka inspirou os ares venenosos de Chernobyl, e é por isso que agora não consegue respirar como as outras pessoas. Os nossos vizinhos e amigos dizem que a idade também lhe pesa. Pois, tudo certo, só não sei que tem isso a ver com a respiração. Todos sabem que se respira pelos pulmões e não pelas pernas, que têm a responsabilidade de aguentar o peso do corpo; não faz diferença tê-las raquíticas. Acho que querem todos disfarçar, fingir que a Babushka não está doente, e inventam, por isso, essas desculpas. Bem sei que as desculpas são para se dar — como daquela vez em que pus o termómetro junto da lâmpada acesa no dia de darmos cambalhotas para trás na aula de ginástica —, mas esquecem-se de que isto já não é como nos bons velhos tempos, agora aprendemos a ciência na escola.

Porque a Babushka respira mal, não gosto que o meu irmão, o Andrei, fume dentro de casa. Digo-lhe para fumar na rua, mas ele ri-se de mim e manda-me fechar as janelas, pois faz

muito frio lá fora. Além disso, a corrente de ar é nociva para a nossa avó, como lhe disse (procurei no dicionário o significado da palavra só para ter a certeza de que não me enganava, e o Andrei ficou admirado quando a usei pela primeira vez: estou a ficar desenvolvido, foram as palavras dele), embora ele diga que aqueles fumos são medicinais.

— Este produto ajuda-a a respirar — diz ele.

Eu não acredito que aquilo seja medicinal, por isso, abro sempre as janelas. O cheiro do fumo agarra-se às roupas e sinto vergonha quando vou à escola naqueles modos. Pergunto-me se os ventos atômicos também tinham um cheiro como este, e se a Babushka não foi a tempo de fechar as janelas e de colocar panos nas frinchas das portas.

A Menina Michelle diz também que devemos arejar bem a casa por causa dos ácaros, que são uns bichinhos que se metem nas roupas e nos lençóis e nos colchões e nos fazem espirrar e tossir e andar sempre com o nariz vermelho. Nunca vi nem me tornei amigo de nenhum ácaro, mas a Senhora Professora Menina Michelle levou algumas imagens para a aula e mostrou-nos. São fotografias tiradas com um macroscópio, que aumenta estes bichos pequenos e nos ajuda a ver como são, mesmo quando enfiados no meio dos cobertores. A Menina Michelle diz que são animais aparentados com aranhas e escorpiões; a mim, nunca me passaria pela cabeça que são parentes.

Pergunto-me como seriam as pessoas se vistas ao macroscópio. A Babushka não deveria parecer lá muito bem, com os pulmões no estado em que os tem. Imagino que estejam bastante escuros, cheios de alcatrão, pois é assim que surgem nas fotografias dos pulmões dos fumadores que vimos nas aulas. A Babushka nunca fumou, e é por esse motivo que sei que as coisas estão mal feitas. Se a Babushka nunca fumou, não deveria ter os pulmões de um fumador — ou de que adianta não fumar?

Alguém tem de ter atenção e resolver estes problemas, mas o Andrei diz que Deus não existe. Portanto, não há nada a fazer, já que mais ninguém tem competência. A Babushka irrita-se sempre que o Andrei diz que Deus não existe, ou que morreu, ou que não está em todo o lado, fica vermelha e mexe a cara até os dentes postiços quase lhe fugirem da boca. Já o Senhor Pereira deve ficar contente; ele sabe muitas coisas e esteve em muitos lugares, é uma das pessoas com mais competência na nossa zona.

O Senhor Pereira, que é português, é nosso vizinho porque moramos num apartamento por cima do restaurante dele. No inverno, o restaurante ajuda a aquecer a casa e poupamos energia. No verão, é demasiado quente e temos de abrir as janelas todas, quer o meu irmão queira quer não.

Seja qual for a altura do ano, podemos encontrar o Senhor Pereira na rua pequena, que nem é bem uma rua, junto à porta lateral do restaurante, onde fuma, faça chuva ou faça sol. Ali, naquele sítio. Nem sequer tira o avental, para poupar tempo. O tempo vale dinheiro, dizem os homens nos livros que explicam como, sem nunca perderem minutos com a família, os ricos ganham mais dinheiro do que as outras pessoas; e a isso chamam o grande sacrifício do trabalho. O Andrei diz que ninguém fica rico a trabalhar, mas, pelo menos, o que se ganha dá de certeza para arranjar alguma coisa — como aconteceu com o Senhor Pereira, que de tanto tempo poupar, comprou o restaurante que lhe dá o pão-nosso de cada dia. E se o Senhor Pereira sabe alguma coisa é como economizar tempo, e talvez saiba também outras coisas, como, por exemplo, não apanhar doenças nos pulmões, ele que é fumador há muitos anos. Embora ele nunca tenha inspirado ventos atômicos, tenho de lhe perguntar se sabe como curar pulmões destruídos; os seus estão pretos, e ainda assim não lhe custa subir as escadas até ao primeiro andar quando nos visita.

Ao pensar nisto e exercitar os pensamentos, percebo que gostaria de ter a certeza de que Deus existe para lhe agradecer por não morarmos num prédio com vinte andares, onde a Babushka não poderia sair de casa se o elevador se avariasse e ela ficasse presa lá dentro. Sem saber se Deus existe, posso agradecer-lhe à mesma, não vá ele ficar zangado. Como li num livro da biblioteca, escrito por um senhor autor que morreu há tanto tempo, sempre que não agradecemos uma gentileza, somos ingratos, e Deus (se existir) não deve gostar de ingratidão, porque estava sempre carrancudo e transformava pessoas em sal ou atirava-lhes pragas. Também isso aconteceu há muito tempo, e não sei ao certo o que fará ele hoje em dia. Penso que continua zangado por sofrer de solidão, pois ninguém o pode ver e não tem com quem conversar. Pelo menos, quem o diz é o pope Verenich, que me explicou como Deus é três em um, e o filho é o pai e o pai é o espírito e o filho... Anotei tudo num papelinho que guardei num bolso... onde estará... foi o pope Verenich, sim, com as suas verrugas e a barba branca de ovelha. Longe de mim ser eu quem o afirma, porque são questões tetralógicas e não percebo como possa ser verdade, apesar de me agradar imaginar que sim, é possível, para assim conhecer, talvez, o meu pai ausente. Ora, se eu fosse o meu próprio pai, como falaria comigo e jogaria hóquei ao domingo ou falaria com a Menina Michelle sobre o meu aproveitamento sem parecer um daqueles homens que falam sozinhos na rua e gritam bem alto e não sabemos a quem? Para resolver estes problemas complicados, é necessário ser-se filósofo.

Nos boletins que escreve com a sua letra pequenina e que envia para a Babushka ler em casa, a Menina Michelle diz que sou inteligente e que tenho muito bom aproveitamento e um vasto vocabulário, mas havia de ser engraçado aparecer na reunião para ouvir falar sobre mim... Melhor só se aparecesse

invisível ou se me mostrasse às pessoas disfarçado com óculos escuros e um cachecol.

Bem, usar óculos escuros nesta altura do ano pode não ser assim tão boa ideia; com o cinzento que o céu está, pareceria estranho e alguém poderia chamar a polícia. Mais vale deixar-me de pensamentos e concentrar-me agora na composição que a Menina Michelle pediu. Esta semana, celebramos os «Dias da Diferença» na escola e temos de escrever um texto sobre as origens da nossa família: de onde vieram os nossos parentes, se nasceram cá, coisas assim. Apresento o meu texto amanhã, e espero que a Menina Michelle goste, para que eu continue a ter muito bom aproveitamento.

«A minha família sou eu, o meu irmão Andrei e a minha avó Svetlana, a quem chamamos Babushka. A minha mãe morreu quando eu era criança a mais para me lembrar. O meu pai é ausente, por isso, não sei onde está ou se também morreu era eu demasiado pequeno para me lembrar, pois nunca mais apareceu por cá.

Eu tenho 10 anos há pouco tempo e nasci aqui, em Montreal, mas a minha família vem de muito longe, do continente da Europa. A Babushka nasceu perto de Moscovo e é russa de nascimento, porque Moscovo fica na Rússia (embora tenha também sido parte da Antiga-Soviética, esse país já acabou), e o meu irmão nasceu em Pripyat, na Ucrânia, onde a minha família morava na altura do acidente de Chernobyl. O meu avô Anatoli era aí engenheiro. Ele também era russo da região de Moscovo, onde tinha conhecido a minha avó e onde tiveram uma filha chamada Dominika, que era a minha mãe. Quando abriram a central dos ares atómicos em Chernobyl, os meus avós e mãe foram para Pripyat. Na altura, a Ucrânia também era Antiga-Soviética, eram todos países amigos e o meu avô pôde ir para lá trabalhar.

Em Pripjat, a minha mãe conheceu o meu pai (que se chama Ivan) e tiveram o primeiro filho, o meu irmão Andrei. A Babushka nunca gostou do meu pai ausente, dizia que não tinha categoria para a minha mãe e que era um preguiçoso e um aldrabão. A vida foi sendo vivida até acontecer o acidente na central em Chernobyl, onde o meu avô trabalhava. Os russos (os antigos-soviéticos) obrigaram todos a sair de casa e a deixar tudo para trás, e a minha família teve de fugir para campos de recolhimento, onde não tinha nada além de um cobertor e um pratinho metálico com uma batata cozida e gorgulhos, que são bichinhos pouco maiores do que os ácaros. À minha avó custou mais deixar os gatos, e não sabe o que lhes aconteceu. O meu irmão ainda não tinha feito oito anos e só se lembra de soldados a gritar e de pessoas a chorar à sua volta. A minha avó ficou muito triste com a morte do avô, que a chamava de querida e princesa e que morreu com a doença fulminante dos ventos atômicos, três semanas depois. Ela diz que foi horrível e não gosta de falar do assunto, e o meu irmão Andrei também não; acho que ele se lembra do meu avô doente, embora se cale sempre que a Babushka pega no assunto e o põe na borda da mesa com as fotografias e recordações que tira da caixa. Como ensinam na psicologia, são traumas difíceis de passar por conta das emoções.

A minha avó ficou mais do que zangada com os russos antigos-soviéticos na vez em que fizeram o meu avô morrer e ainda lhe deram uma medalha de coragem. A Babushka recebeu a medalha porque era a viúva e respetiva herdeira, mas enterrou-a no lixo. Na altura, ela recebeu uma carta de uma amiga que estava aqui, no Canadá, e que lhe arranjou emprego e aos meus pais, e foi assim que viemos para cá. Eu nasci em Montreal, e talvez tenha sido concebido e manufaturado na Ucrânia, visto que demoramos nove meses a ser fabricados. Como temos uma diferença grande em anos, o Andrei diz que eu era o

filho não desejado e não esperado. Não sei. De qualquer maneira, a verdade é esta: sou canadiano, a minha avó é russa e o meu irmão é ucraniano (mas são também antigos-soviéticos).

Hoje, a minha avozinha diz que tenho uma vantagem, e ela di-lo porque, além de ser canadiano, falo francês, inglês e russo, enquanto ela só fala russo e um francês que mais parece o de um cavalo a relinchar. O meu irmão também tem uma vantagem por falar as línguas, mas a minha avó diz que a minha tem outra grandeza. Talvez por o Andrei ter respirado os ventos de Chernobyl em pequeno – e, sendo tão baixinho nessa altura, deve ter inspirado mais e ficado com a cabeça afetada. Espero que não lhe aconteça mais nada, ao contrário do que se passa com a minha avó, ou terei de ficar muito triste com os senhores russos antigos-soviéticos, mesmo que, no fundo, sejam iguais aos outros homens.

Eu gosto de andar na escola porque gosto de ler e escrever. A Babushka ajuda-me nos trabalhos, mas não desta vez. A minha família é esta.»

Passei o texto a limpo e agora só me resta esperar para ver qual a reação da Menina Michelle. Se bem que não me importava de perder o meu muito bom aproveitamento em troca das melhoras da Babushka. Coitadinha, ela não me ajuda nos trabalhos, só que ninguém precisa de saber a verdade. Ela tosse tanto de noite, e só agora acabou a luz do dia!

2.

A minha composição sobre a família foi um sucesso. Mais ninguém na minha turma tem uma avó que veio da zona de Chernobyl ou um avô engenheiro que recebeu uma medalha depois de morto. O René levantou a mão e disse que o avô dele teve direito a um anúncio no jornal, daqueles que ocupam meia página, o que não conta para nada. Foi oferecido pelos colegas de trabalho do avô, ainda vivos, e não pela Pátria. Ele lá se calou, e os outros também.

Assim, não tive quem me fosse igual, e a Menina Michelle ficou comovida, mas não lhe dei a entender que o percebi, pois as emoções são tão difíceis, que se entrelaçam. É por isso que um homem não chora: quando os laços das emoções se apertam, estas saem de nós em água salgada, e pelos olhos, o que quase nunca é agradável.

Li o texto em voz alta, e os meus colegas quiseram fazer-me muitas perguntas, mas a Menina Michelle disse que já bastava e mandou que o meu colega de carteira lesse o seu. O Jean-Pierre tem uma família francesa que mora no Canadá há séculos e que só sai em férias, de maneira que o seu texto tinha muito pouco de diferente nas questões da cultura, e ele teve de falar da criada que têm em casa dele, que veio do Haiti. Diz que ela guarda bonecos de vudu no quarto. Bem, ninguém pareceu entusiasmado, já que são coisas que se veem em filmes ou mesmo em cidades como Montreal, onde senhores bêbados rezam de joelhos nos passeios das avenidas a cães sentados em

bancos de madeira e, onde, de manhã cedo, alguns homens se juntam no Parque de Mont-Royal para cantar aos deuses. Não, os bonecos de vudu não se comparam aos ares atômicos dos antigos-soviéticos. Essas, sim, são coisas misteriosas que interessam ao público em geral; tenho, porém, medo de que o Jean-Pierre me volte a chamar Russkiy. Pronto, não é bem medo, é receio, mas não gosto, esse não é o meu nome verdadeiro. Por isso, calei-me.

No fim das aulas, aproximei-me da secretária da Menina Michelle enquanto os meus colegas saíam aos gritos. A nossa professora deixa-se sempre ficar sentada enquanto saímos, para assim arrumar a mesa. É uma mulher extremamente prática e, se um dia me casar, quero que seja com alguém como a Menina Michelle. Gostou muito do meu texto.

– Gostou mesmo, Menina Michelle? Ainda tenho um vasto vocabulário?

Ela sorriu-me, tem uns bonitos dentes. Branquinhos e direitos, lembram-me um coelhinho. O coelho é um lagomorfo, e não um roedor. Sim, claro que ainda tenho muito bom aproveitamento. E um vasto vocabulário, a que também se pode chamar um rico léxico. As coisas que aprendo com a minha professora... É melhor anotar num papelinho, para não me esquecer – e, ao mesmo tempo, não me calo.

– Pode escrever o meu aproveitamento num boletim, Menina Michelle?

Queria que a Babushka ficasse contente, e a Menina Michelle não me desiludiu: pegou numa folha das suas e escreveu à Babushka. Assinou por baixo. Quando os papéis têm uma assinatura, ganham mais valor, porque se tornam oficiais. E se tiverem um carimbo, são ainda mais oficiais. Estive quase para lhe pedir que o carimbasse, mas achei que talvez fosse exigir de mais. Tenho de ter cuidado para não pedir demasiado, uma vez

que as pessoas em geral não gostam de ouvir exigências; só de as fazer — é assim que conhecemos o nosso lugar. Pelo menos, o meu irmão Andrei diz que ainda sou pequeno e que, como sou pobre, não tenho estatuto para exigir nada. Provavelmente, exagera e fala em excesso de coisas que não são assim. Tendo eu 10 anos e sendo um cidadão, possuo direitos, e algum deles deve ser o de exigir coisas. Terei de o investigar.

De qualquer maneira, agradei à Menina Michelle e corri para fora da sala. Os meus colegas já iam longe, na rua e no exterior. Não me preocupei; aguento bem a solidão. Devemos preparar-nos para alguma solidão, para depois não ficarmos mais tristes e desfeitos em nervos quando perdemos a família ou os amigos. O Andrei diz que é fácil perder amigos se perdermos o dinheiro, se ficarmos desempregados e bebermos muito álcool e tivermos de vender a casa e entregar tudo o que temos aos senhores dos bancos. É uma grande mentira. O Matt nunca tem mais do que alguns dólares, vive na rua e tem amigos: eu, o François, o Buck. É certo que o François ainda tem menos dinheiro do que o Matt, e o Buck não quer saber destas coisas por ser um cão, mas é a prova de que não precisamos de dinheiro para termos amigos. Quanto à família: podemos perdê-la quando surge a morte. A morte anda por aí a ceifar as vidas e, muitas vezes, nem sequer avisa, como à minha mãe, que não sabia estar próxima da ceifa quando atravessou a estrada e foi atropelada. Por vezes, dá-nos alguns avisos, como no caso da Babushka, que cospe sangue e tosse muitíssimo há algum tempo — é a morte a mostrar-nos que pretende colhê-la. Por esse motivo, não sei se devemos desejar tanto mal à morte; mostra-se atenciosa, só que nem sempre o é, e é fácil de perceber que assim seja — há muitas pessoas para levar, isto sem falar dos animais. Não sei se a morte que apanha as pessoas é a mesma que persegue animais. Eu tenho cá para mim que sim, e acho que o coração a ajuda: diz-lhe que

está cansado, que não está mais para isto e quer sair do corpo. A menos que a morte seja um *franchise*, como aquelas lojas de pizzas e hambúrgueres e as cafetarias que têm o mesmo nome, embora tenham donos e empregados diferentes. O Senhor Pereira não gosta nada dos *franchises*, fica furo se se fala deles, por isso, torço-lhes um pouco o nariz, sou solidário com os meus amigos. O Senhor Pereira já viu muita coisa e deve saber como são as cozinhas desses *franchises*. Boa coisa não se deve passar lá dentro.

É claro que também podemos perder a família por outros motivos, como eu perdi o meu pai por ele ser um escroque, ou como o Senhor Huan, que diz não ter família por ter sido vigarizado pelo irmão. O Senhor Huan veio de uma aldeia na China para Montreal e conheceu a minha avó ao fazer limpezas na loja onde ela trabalhava. Entretanto, a Babushka reformou-se, enquanto o Senhor Huan continua a trabalhar nas limpezas, pois ainda não tem idade para pedir a pensão. Além disso, faz alguns serviços extra, como ajudar as pessoas velhas a transportar as compras, e a Babushka dá-lhe, por vezes, uma nota de cinco dólares ou umas moedas para ele se entreter e comer um docinho. Eu ou o Andrei poderíamos fazer-lhe essas coisas, mas a Babushka gosta de ajudar o Senhor Huan, simpatiza com ele. O Senhor Huan fala pouco e é muito sossegado, e a minha avó aprecia a sua timidez por não a incomodar com barulhos e ruídos. Sei que também tem pena dele, já que a família o engana e lhe faz politiquices. O irmão do Senhor Huan tem um supermercado na Chinatown e chamou-o para o Canadá, uma vez que há uma multidão de carências na China. Porém, quando ele chegou, o irmão pô-lo a trabalhar no supermercado sem lhe pagar, já que lhe desconta tudo dos honorários à conta do quarto pequenino em que mora. Depois, o Senhor Huan não gostou e começou a trabalhar numa empresa de limpezas para pagar a renda do quarto, onde ainda vive. Não arranjou um emprego onde recebesse melhor por

quase não falar francês e por ser chinês. Tudo devido à xenofilia, aquilo que faz com que se veja os outros como diferentes quando não são completamente iguais, como um branco-pálido que vê um homem preto-como-noite e diz que só o reconhece quando abre a boca e lhe vê os dentes. Fazem-no sem sequer terem um motivo — ao contrário da Babushka em relação aos russos antigos-soviéticos. Ela teria a compreensão do seu lado.

Quem se queixa muito destas ideias tortas é o Ade, um nigeriano meu amigo. O patrão dele é indiano e devia ter cuidado com estas coisas, mas o que se há de fazer... às vezes, as pessoas estão desatentas, devido a estarem ocupadas com as rodas dentadas e os pêndulos da vida no capitalismo. Segundo o François, estes são os cegos do sistema económico, os que nada veem.

O Ade trabalha numa lojinha que está aberta todo o dia e toda a noite, na qual vou agora entrar para comprar rebuçados. Gosto do som do sininho que têm na porta, por isso, entro, saio e volto a entrar só para o ouvir três vezes.

— Olá, meu amigo! — O Ade está sempre animado, ainda que esteja há horas ao balcão. É uma alegria ver as cores que usa na roupa e naquele barrete que tem na cabeça. Ele diz que é uma peça tradicional da sua região, e eu acredito, porque aquele barrete não tem utilidade nenhuma no inverno canadiano. — Como estás?

— Olá, Ade. Estou bem. Sabes, acabei de ter muito bom aproveitamento. E, agora, até tenho um rico léxico.

— Fico feliz por ti, amigo.

Não vou mentir, por isso, digo a verdade como ela é: o Ade é preto como noite. Ele gosta de comparar os tons. Arregaçamos as mangas e encostamos os braços.

— Branquinho como leite! — diz ele, e é o normal. Ri-se. Depois, puxamos as mangas para baixo.

Digo ao Ade que quero comprar rebuçados e ele responde-me para estar à vontade e escolher, pois vai apenas tratar da

sua religião. Sai de trás do balcão, afasta-se a assobiar com o tapete embrulhado na mão e vira-se para leste. É fácil saber onde fica o leste, basta virar-se para o rio, mas, ao início, o Ade não conhecia a cidade e o sol não aparecia, de tão escondido atrás das nuvens grossas e cinzentas, por isso, teve de perguntar às pessoas, e é a isso que se chama um transtorno. Agora, é mais independente e não sofre tantos incómodos.

Depois de estender o tapete no chão, o Ade deixa de assobiar (a religião é séria), ajoelha-se e levanta as mãos. Diz umas palavras que não entendo. A minha vantagem não é assim tão grande a ponto de saber a sua língua. Fora isso, falamos em inglês, embora a oração tenha de ser dita noutra língua: é assim que sempre foi feita e, nas tradições, as coisas são para se manter. Não sei ao certo que língua é; porém, talvez o Senhor Pereira a entendesse, já que diz ter aprendido a falar em árabe quando esteve em Paris, que é maior do que Montreal. Por lá falam-se muitas línguas. Eu cá tenho dúvidas de que o Senhor Pereira saiba dizer uma palavra em árabe. Mal sabe falar francês — não lho digo para não lhe ferir as emoções, porque, já se sabe, um homem não chora, e seria triste ver um homem adulto como o Senhor Pereira chorar de avental e de cigarro na boca, com os olhos que tem na cara todos encharcados.

É divertido ver o Ade ajoelhar-se até quase bater com a cabeça no chão, mas fico feliz por já ter acabado as suas orações; já escolhi os rebuçados e quero ir para casa. Tenho a moeda na mão.

— Vais trabalhar até tarde, Ade?

— Oh, nem me fales, amigo. Tenho de trabalhar toda a noite para ter folga amanhã. O patrão diz que tenho de trabalhar mais para mostrar o meu valor e o meu empenho.

— Mas isso é xenofilia, Ade!

— Sim, meu amigo, se é!

— Tens de ter calma, Ade. O teu patrão é um dos cegos da economia.

O Ade tem de melhorar o seu francês e inglês para que não lhe aconteça como ao Senhor Huan, que continua a limpar casas de banho e a dormir num quarto sem condições nem salubridade. A Babushka bem diz que todos os homens são iguais, só que não é verdade, pelo que vejo com a minha experiência. Alguns nascem num sítio e outros noutra, e é isso que lhes dá sorte ou azar. Se o Ade e o Senhor Huan tivessem nascido em Montreal como eu, poderiam ter uma vantagem. Assim, não tiveram. Em todo o caso, o Ade tem saudades da família, e já me mostrou duas fotografias da namorada que deixou na Nigéria. É uma mulher e é bonita. Não minto: também é preta como noite. Ele quer trazê-la para cá quando estiver numa situação melhor, mas para isso tem de continuar a trabalhar e a rezar muito, embora reze a um Deus diferente daquele em que a Babushka acredita. O dele chama-se Deus-Alá. A Babushka não tem de se virar para Meca, onde há uma pedra escura tapada com panos. Ao contrário do Ade, gosta de ter perto de si as imagens do Jesus e da Nossa Senhora. São, pelo menos, retratos bonitos que ela trouxe da Ucrânia aqueles que guarda na cómoda, e a que chama icónicos. Gosto de olhar para eles sempre que posso; recordam-me coisas que nunca vi ou vivi. Julgo-me na Ucrânia ou na Rússia, onde nasceram a Babushka e a minha mãe e o avô Anatoli e o meu pai Ivan, onde nunca estive, e sinto saudades, tal como dos outonos de Montreal e das folhas vermelhas dos áceres sempre que abraço um vento frio. À Rússia, imagino-a muito grande, com planícies de lençóis em neve e gelo rijo e igrejas com telhados pintados a tintas de ouro e popes barbudos que espalham incenso com os braços direitos mais longos do que os dos outros homens, e depois muitas pessoas vestidas com muitos casacos e roupas peludas, porque a Babushka diz que na Rússia as pessoas

sentem mais o frio. Imagino também outras coisas, como lojas onde as latas têm as letras russas escritas, as que a Babushka me ensinou antes de se perder e ser senil, e faço-o sem saber porquê. Há coisas estranhas neste mundo: são os fenómenos.

Quando entro no Boulevard Saint-Laurent, sinto-me quase em casa, e alegro-me ainda mais ao ver a nossa porta vermelha e, ao lado, o galo pintado na montra do restaurante do Senhor Pereira. Nunca vi imagens do país do Senhor Pereira. Penso que deverá ter muitos galos, e que os adoram como os indianos adoram as vacas. O Ade já me mostrou o quartinho de hindu do Senhor Patrão e achei-o engraçadíssimo. Não sei nada sobre tetralogia, mas cada deus, cada maneira, pois claro.

Guardo os rebuçados na mochila e acabo de chupar aquele que tenho na boca antes de entrar em casa. As escadas cheiram a churrasco, é esse ou o cheiro do fumo medicinal do meu irmão. No tapete da entrada está uma carta que o carteiro deixou para a Babushka. Os adultos têm razão, já ninguém quer trabalhar como antigamente, nos bons velhos tempos. Apanho a carta. Ao abrir a porta, sinto o silêncio e sei que o Andrei não está em casa, porque não há fumo nem música alta. Deve estar a trabalhar. O Andrei trabalha algumas horas numa pizzeria. Já fez 18 anos e ajuda nas contas da casa, pois só temos a reforma da Babushka nos rendimentos. O Andrei tem a maioridade e, assim que reunir dinheiro bastante para tirar a carta de condução, terá mais oportunidades de trabalhar. Ele não a tirou antes porque não tem carro desde os 16 anos, como os colegas. É assim a vida. De qualquer forma, a Babushka quer que ele estude na universidade. Eu também gostava de ajudar nas contas da casa, aumentar os rendimentos, como o meu irmão, mas ainda sou demasiado de menoridade, não me permitem trabalhar.

– Quem anda aí?

– Sou eu, Babushka.

A Babushka quase não consegue falar. Tosse. Parece que nunca acabará de tossir, uma tosse longa e larga e comprida e sem fim. Eu pouso a mochila e a carta no meu quarto e vou até à salinha, onde a Babushka está sentada no sofá, mergulhada nos seus pulmões em convulsão. É incrível como os seus pulmões destruídos soltam tanto ar quando já não passam de sacos rasgados e quase vazios; é outro fenómeno.

— Babushka, queres alguma coisa para a tosse?

Ela tenta responder, e apenas tossica. Os ventos perigosos que ainda se escondem no seu peito não a deixam respirar normalmente, porque demoram muito a sair: dezenas, centenas de anos. É por isso que, agora, ninguém mora em Pripyat nem lá pode entrar sem autorização. A Babushka diz que nascem por lá vacas com duas cabeças e ovelhas com cinco patas, tudo devido às energias atómicas, que ficam presas à terra e demoram centenas de anos a sair, mesmo com a chuva, e que também se agarram às cenouras e batatas que depois são comidas. Os ares atómicos são terríveis e não sei por que motivo foram inventados. Seria melhor que certas pessoas se dedicassem à leitura, como eu, às palavras cruzadas ou mesmo a rezar como o Ade, virado para Meca. A Babushka consegue, por fim, dizer algo.

— Tenho de ir buscar o Andrei.

— Aonde?

— À escola. Ele não sabe atravessar a rua.

A Babushka está outra vez perdida, está outra vez senil. Digo-lhe que vou buscar água. A tosse da Babushka deixa-me triste. Tenho medo de que desmaie, como já aconteceu, e eu estou aqui sozinho com ela. Mas há que ser homenzinho e, se não aumento os rendimentos, ao menos que ajude a Babushka caso ela desmaie. Sei que tenho de ligar logo para as ambulâncias, para que a venham buscar e para que lhe deem umas pancadas no peito até que respire, enquanto os médicos não chegam com

os aparelhos que dão choques elétricos e fazem o corpo tremer todo até que a morte se afaste, por cansaço. Vi na televisão.

Ela continua a tossir ao mesmo tempo que encho o copo na cozinha. Entorno alguma água porque a minha mão treme, e acho que é de ter sido atropelado pelos nervos. Na verdade, sofro dos sentimentos, é esse o meu problema. Consigo chegar à sala, onde a minha avó está toda inclinada em frente.

— Toma, Babushka, bebe.

A Babushka treme do corpo todo sem ter levado o choque, está bem pior do que eu, que tremo só da mão, por isso, ajudo-a a beber a água, o que tenho de fazer com cuidado para que não se engasgue. Se se engasgar, tenho de lhe dar um abraço terapêutico, que é outra técnica de salvamento que mostraram na televisão. Espero ter força para o fazer e não partir uma costela à Babushka, para que esta não fique entalada lá dentro... O melhor é mesmo que não se engasgue, de maneira que paro de lhe dar água.

— Estás melhor?

A Babushka não consegue falar, mas diz que sim com a cabeça. É normal que lhe custe a falar, tanto por ser velha e ter falta de ar quanto por se ter enervado com as emoções. As pessoas adultas emocionam-se com intensidade, o que traz muitas complicações ao mundo, já que deixam de ver as situações com a racionalidade e querem ter atitudes e partir tudo o que consigam sem pensar primeiro no que devem partir. Sim, sei que o mundo acontece desta forma: tenho tudo apontado num caderninho, li-o muitas vezes. Só não consigo perceber o título do livro de onde tirei estas ideias. A marca do lápis apagou-se. Está na altura de escrever com uma caneta. Seja como for, o importante é pensar primeiro nas coisas antes de as destruir quando em adulto, mas, para já, ainda posso ser criança. Mesmo assim, a Babushka diz que penso demasiado e que tenho uma alma velha. A menos que me tenham mentido, tenho dez anos; porém,

posso ter sido contaminado com ares de Chernobyl e dentro de mim existir uma alma de tempos muito antigos.

A Babushka abre a boca, vai falar.

Começa a tossir.

Tenho de a obrigar a beber água e levo-lhe o copo à boca. Ela bebe um gole e afasta a cara, já deve estar farta de água.

— Queres vodca?

Ela olha para mim de olhos muito arregalados e diz que não com a cabeça. Toda ela é uma tosse pequenina: já não parece o arranque de um motor com ninhos de rato construídos na ventoinha, mas gotas de água que caem na pia e fazem um eco de metal abafado pelo pano da louça.

Coloco-lhe algumas almofadas atrás das costas, para que fique confortável no seu corpo de idosa. Ela tenta falar outra vez, e faço-lhe sinal para que não o tente, o silêncio é o nosso melhor amigo. Se não abrir a boca, a tosse talvez não saia e fique nos pulmões, que bem precisam de ar.

— Vá, Babushka, não fales, ou a tosse não te deixa em paz.

— A Babushka não percebeu ainda que a tosse não deixa ninguém falar: fica caladinha, à espera que se queira dizer alguma coisa, para depois explodir em cantorias roucas; é uma traidora pela calada. — Vou mostrar-te uma coisa.

Corro até ao meu quarto, que é muito pequeno e mal tem uma janela, é mais um respiro que abre para um pátio onde algumas pombas dormem e de onde sai o fumo do restaurante do Senhor Pereira. Como a janela é estreita, tenho pouca luz no quarto, para mais nesta época do ano, em que os dias são cada vez mais pequenos. Até ao Natal, diminuem, por estarmos mais longe do Sol. O Senhor Huan não queria acreditar que a Terra dança em volta do Sol e não o contrário, mas lá está, não sabe, porque trabalha desde pequeno, quando ainda estava na China dos comunistas.

Abro a mochila que atirei para a cama e procuro o boletim da Menina Michelle. Tenho a certeza de que a Babushka ficará melhor ao lê-lo, e regresso à sala. A Babushka solta muitos barulhos ao respirar, parece uma chaleira. Ela aponta para a esquerda, talvez para o copo, ou para os icónicos na cómoda, ou para a fotografia do Senhor Rodolfo Valentino, com a sua boca muda e o cabelo muito colado à cabeça, ele que foi um grande ator no tempo em que as pessoas velhas eram novas. A fotografia foi-lhe dada pela minha bisavó morta como prenda de herança à Babushka. Não lhe quero dar água a mais, não vá apanhar uma indigestão ou ganhar calcário no estômago. É melhor que sejam os icónicos.

– Queres os icónicos? O Senhor Valentino?

Ela abana a cabeça, começa a tossir e não chega a dizer coisa nenhuma. Eu pego em três icónicos — todos muito bonitos, até dá gosto tê-los na sala — e pouso-lhos no colo. Quando lhe mostrar o boletim, vai ser um espanto.

Porém, a Babushka começa a tossir e eu pouso o boletim escolar no sofá, ao seu lado. Ela tosse e tosse e tosse, e sei que odeia tossir assim, não só por lhe doer mas também por causa da vizinha no andar de cima. A vizinha de cima chama-se Judit e é húngara e uma antiga professora de música, e a Babushka não gosta dela, o que é dizer bastante quando até gosta dos russos antigos-soviéticos que libertaram os ventos atômicos no mundo. Não, não gosta da Senhora Judit: ela já denunciou a nossa família às autoridades que podem confirmar se as pessoas tratam as crianças com os cuidados devidos.

As senhoras da comissão das autoridades vieram cá a casa e não encontraram nada que nos fizesse mal. Lembrei-me de arejar bem a sala e os quartos para que não sentissem o fumo das drogas medicinais do Andrei. Podem ser farmaceutas, mas não são permitidas pelas autoridades do Estado. Li num livro que o Estado somos todos nós. A mim, nunca me perguntaram se

eu achava que as drogas deviam ser permitidas. Eu acho que sim, se aliviam as dores e não cheiram pior do que os cigarros do tabaco nem são o cheiro mau que o Andrei tem nos pés ao descalçar-se quando chega do trabalho. Parece-me que as pessoas adultas fazem confusão com estas questões das legalidades, porque, como sempre, há emoções que lhes prendem os pensamentos. Também acho que deveriam permitir pelas autoridades os abortos bem feitos. Assim tudo era mais fácil e não havia abortos mal feitos, que enchem a cidade, como se queixa o Andrei, aos berros no quarto — «este aborto incompleto» para aqui, «aquele aborto mal feito» para acolá, vejo-lhe as palavras através das fumaças que ele puxa —, para além de se fazer negócio e ajudar no capitalismo. Este é o arqui-inimigo do comunismo inventado na Antiga-Soviética, e já se sabe como eles mexem nos ares atómicos e estragam a vida às pessoas inocentes. Por outro lado, e pensando bem, eu também poderia ser um aborto, já que sou o filho indesejado, como diz o Andrei. Nesta vida é difícil saber o que é certo.

Quando tudo parece acalmar, volto a pegar no boletim, mas a Babushka abre a boca, fecha a boca, a tosse regressa. Tem a cara toda vermelha e fecha as mãos, veem-se as veias naquela pele tão seca, são mãos de idosa já muito velha. Ela revira os olhos para cima e não sei se está aflita ou se pensa na Senhora Judit. Sim, é disso que tem medo, mais do que dos pulmões destruídos; não quer ficar sem mim e o Andrei, e eu não quero ficar sem ela. Que ao menos eu possa cuidar da Babushka, agora que ela precisa de mim. Há que ser homenzinho.

— Pronto, já passa, Babushka — levo-lhe outra vez o copo de água, que não é suficiente, e puxo-lhe um pouco a camisola para cima. — Já passa.

Enquanto a Babushka bebe os seus golinhos de água, pego nos três icónicos que lhe caíram do colo para o chão e meto-lhos

debaixo da roupa. A Babushka estremece, deve sentir frio na pele, uma pele branquinha e suave na barriga.

– Os icónicos vão remendar-te os pulmões, Babushka.

Agora, é só esperar que os icónicos façam efeito. A Senhora Judit bem pode chamar as autoridades, mas nesta casa ainda há quem cuide da minha avó, e são icónicos! Nota-se que não sabe que uma família que veio da Ucrânia Antiga-Soviética tem métodos para se proteger, conhecimentos antigos que passaram de geração em geração.

– Está muito frio aqui...

– São os icónicos a fazer efeito, Babushka.

O poder dos icónicos é notável, ela já consegue falar. Ao ver a Babushka assim recuperada, agarro depressa no boletim e coloco-lho diante da cara.

– Olha, Babushka, apresentei o meu texto sobre a família e continuo bom aluno.

A Babushka sorri, já não tem a cara vermelha. Agora, é mais pálida, e os olhos azuis brilham com a pouca luz que entra na sala, deixam ver a alma humana que se esconde lá dentro. O fim do dia no outono é assim, melancólico, como dizem os escritores, e a Babushka neste estado mete-me pena.

– E tenho um rico léxico.

Ela fica contente por eu ser um menino inteligente e pede-me para nunca me esquecer de que tenho de estudar em silêncio.

– Em silêncio, Babushka?

– Sim.

– Porquê?

– Porque é preciso silêncio para estudar.

– Mas porque é que é preciso?

– É assim que é!

Está realmente feliz quando segura no boletim; a assinatura da Menina Michelle é um encanto, e a tosse parece ter

sido engolida pelos icónicos. Gostaria tanto que este momento durasse mais do que os outros, que cada minuto durasse dois ou três, para que a Babushka pudesse descansar enquanto a vejo ali sentada, no sofá, com esta luz fraca que entra pela janela e me lembra os anos em que a Babushka ainda não era doente, em que ainda trabalhava, porque não tinha os pulmões destruídos e o podia fazer (ela gostava de acordar cedo e sair para o trabalho), oh, gostaria tanto que pudesse acontecer, que trocava os meus rebuçados e até um boletim de muito bom aproveitamento e um bocadinho do meu vasto vocabulário por esse tempo. Afinal, com o tempo podemos fazer alguma coisa.

Lembro-me agora de que deixaram à entrada uma carta para a Babushka. Vou buscá-la ao quarto e depressa estou outra vez na sala. A minha avó está refastelada no sofá, com uma prega de pele pálida e branca acima da saia, a ponta afiada de um dos icónicos à espreita sob a camisola. São bonitos, com cores de invernos e outonos, expressões calmas. Os russos podem não saber muito sobre chuvas e ventos atómicos, porém, sabem como pintar icónicos que ficam bem em qualquer casa.

— Babushka, deixaram uma carta à porta.

— Bem me pareceu ouvir alguém bater à porta.

A Babushka não ouve mal, mas o seu cérebro está a ficar cada vez mais preguiçoso. Não está como a Senhora Fiodorova; ainda fala sem se enganar, especialmente em casa, quando pode fazê-lo em russo. A Senhora Fiodorova é amiga da minha avó há muitos anos e foi ela quem lhe arranjou cá trabalho. Está taralhada e não se veda muito bem. A Babushka também tem medo de não se vedar e de se molhar. Até ver, tudo bem nesse campo.

— Queres que ta leia, Babushka?

Ela diz que sim com a cabeça. A carta é do hospital e está escrita em francês, e eu traduzo-lha para russo, de modo a que entenda tudo.

— «... face aos resultados dos exames efetuados, convocamo-la, por este meio, a comparecer no dia 24 do presente mês, às 16 horas, na consulta de oncologia, para que se proceda, etc., etc.»

Chamam a Babushka ao hospital por causa dos pulmões. Tem de lá ir daqui a três dias. Oncologia? Não sei ao certo o que é, mas sinto que deve ter a ver com os ares atómicos. Ou com os pássaros? Li algo num livro sobre um homem que era oncológico e que andava pelo campo a ouvir e a desenhar pássaros. Porque quererão que a Babushka ouça pássaros? Eu já a levo ao parque sempre que posso, o que não é muito. Ela tem os pulmões em farripas e caminha muito devagar, e Montreal é dada aos ventos, tem de se proteger. É por isso que não passeia todos os dias. Não há quem entenda estes doutores. Bem sei que é preciso apanhar ar fresco, porém, temos de ter cuidados com os doentes. (Gosto tanto da palavra «porém», que tenho de me lembrar de a começar a usar mais ao falar com as pessoas adultas. Vou anotar esta ideia num papel.)

— No dia 24? Que dia é?

A Babushka tem uma cara assustada. Terá medo de obrigar o Andrei a faltar ao trabalho? Eu posso ir com ela. Posso, pelo menos, fazer isso. Ou terá medo de ter de se despir e não estar limpa que chegue? Desde que a Senhora Fiodorova não se veda, a Babushka tem medo de soltar gotas, como se fosse uma torneira velha. As coisas velhas ficam gastas e não se vedam, é assim a vida. Mas eu ajudo-a a limpar-se... Ou será que tem medo de a Senhora Judit comunicar às autoridades que ela não tem saúde para tomar conta da família? Não sei... Vendo bem, a Babushka tem medo de muitas coisas. Não sei se terá sido dos nevoeiros atómicos ou dos medos que existiam na velha Ucrânia. A Babushka diz que, naqueles tempos, os russos antigos-soviéticos levavam as pessoas para uns campos bem longe, na Sibéria, a que chamavam gulasch, e onde as pessoas

passavam fome e muito frio. As pessoas, muitas vezes, nunca mais apareciam, ou regressavam sem dedos ou sem mãos ou sem pés. O frio queimava-os — ou tinham tanta fome, que se comiam aos bocados para não morrer com tuberculose ou pneumonia. A minha avó nunca foi para um desses campos, mas viveu durante anos com medo de ser levada a meio da noite, já que o meu avô Anatoli tivera, em novo, visões políticas que eram diferentes.

— E porque é que o avô Anatoli tinha visões políticas?
— perguntei-lhe um dia.

— O teu avô tinha estudos e nunca foi homem de seguir os outros sem pensar.

— Era diferente?

— Sim.

Nestes locais é melhor ser-se cego para a política se se quiser viver sem preocupações, como confirma o Andrei sempre que me sossega. São essas preocupações que fazem com que ainda hoje a Babushka acorde a meio da noite com tremuras e suores, pois, como acontece com os ares atômicos, são problemas que podem aparecer muito depois: são os chamados efeitos retardados.

O que não é nada retardada é a tosse da Babushka, que desperta de novo. Pouso a carta e sento-me ao seu lado para a reconfortar. Pressiono-lhe a camisola, para que os icónicos bonitos de madeira ortodoxa lhe toquem com mais força na pele e se aproximem do interior. Vou com ela ao hospital e vai correr tudo bem, vão curar-lhe os pulmões, garanto-lhe.

A Babushka deixa de tossir e sorri.

— Oh, os meus pulmões já não melhoram...

Não gosto nada que ela diga estas coisas negativistas, porque assim os icónicos não a ajudam — todos sabem que é preciso ter fé e crença para que as curas funcionem, mesmo que Deus

não exista, mas a Babushka tem o cérebro mais lento. Terei de lhe trazer palavras cruzadas, se bem que o ideal seria arranjar algumas em russo. Não sei onde as comprar.

Levanto-me para fazer um chá. A minha avó gesticula e deixo-me ficar sentado.

— És um bom menino. E pensas demasiado... há coisas que não se mudam! É assim a natureza, entendes?

— Sim.

Não entendo muito bem o que quer dizer a Babushka. Ela mudou várias vezes de casa e até de país, por isso, é bem possível mudar-se tudo na vida, incluindo a fotografia do Senhor Valentino, e de sexo, ainda que tenhamos de falar outras línguas e fiquemos sem família. Deve ser mais um dos casos de lógica de adultos: tanto dizem que a vida está sempre a mudar, como dizem que já não se pode mudar tudo. Li, no outro dia, num livro que trouxe da biblioteca, uma frase de um senhor grego, e ele dizia que debaixo de uma ponte nunca corre a mesma água, e o autor do livro explicava que isso significa que as coisas estão em contínua mudança. Agora, pelo que vejo, nem tudo se muda. Vá-se lá perceber o porquê. Porém, não incomodo a Babushka com estes problemas, porque já tem que lhe chegue, e vou fazer chá.

Na cozinha, fico junto ao fogão enquanto a água aquece dentro da chaleira. Quero ficar aqui por uns minutos, sem ter de ver a cara da Babushka tornar-se vermelha e depois azul, ao tossir, sem que eu possa fazer nada. Lá está, ela tosse. Agora, chia, parece um cãozinho a arranhar uma porta e a pedir que lha abram. A chaleira começa a soltar fumo e deixo que assobie mais tempo do que é preciso só para não ter de ouvir a Babushka gemer. Esses gemidos que, por um instante, se parecem confundir com a tosse chiadora da Babushka. Por fim, tenho mesmo de tirar a chaleira do lume.

Preparo rapidamente o chá, embora agora a Babushka já não tussa. Quando chego com a caneca quente, ela olha-me com aqueles olhos brilhantes, das poucas coisas que ainda se veem no escuro que é cada vez mais esta sala.

— Obrigada. Senta-te aqui ao meu lado.

A Babushka está muito calma. É estranho, mas não é a primeira vez que acontece. Ao ficar assim, torna-se melancólica, por ter saudades de quando era nova e não uma idosa, e a vida era outra coisa, era o que não é agora.

— Sinto-me desconfortável...

Os icónicos são de madeira fina e não pesam quase nada, parecem ocos. A Babushka tem poucas forças que lhe restem. Tiro os icónicos de dentro da roupa e pouso-os ao meu lado.

— Obrigada — diz ela ao suspirar e ao encostar-se mais para trás. Está com os olhos de poeta da Rússia e já sei o que está para vir. — Tenho saudades da neve.

— Mas há tanta neve no Canadá, Babushka! É só esperar pela altura certa.

— Tenho saudades da neve na Rússia. Daqueles tempos. Os meus pais aproveitavam as poucas folgas para me levar e ao meu irmão a deslizar de trenó pela neve.

— O teu irmão Sergei, que morreu na guerra?

— Sim. Oh, ainda tão novo. Não sabíamos como seria o futuro, mas todos pensavam que só poderia melhorar.

— Mas as águas passam sob a ponte, Babushka.

A Babushka fica em silêncio por um minuto.

— Sim, passam. Então e o gelo? O gelo e a neve... Aqui são diferentes.

Tenho medo de que a Babushka comece a tossir, por isso, digo-lhe que beba mais alguns goles de chá e tento fazer com que não me fale mais da Rússia. Pensar nisso traz-lhe sempre recordações que a tornam melancólica e a fazem conversar com

a senilidade. Recordar é viver, afirma a Babushka, e na velhice o único consolo que se sente é o das lembranças. Aí nunca está doente nem arrasta os pés, o que é bom.

Para mim, neve é sempre neve. Como as pessoas: canadianos, americanos, russos. São todos iguais, embora pareçam diferentes quando olhamos por pouco tempo, e a Babushka deveria percebê-lo, porque foi ela quem mo ensinou. O cérebro preguiçoso não perdoa, mas ela diz que sim, que tenho razão quando lho explico, sorri, e os dentes e os olhos e as lembranças que tem são tudo o que se vê na sala escura.

Sinto um toque frio na minha mão direita. Ela pousa a mão na minha, e eu deixo-me ficar assim, com os icónicos e o boletim ao meu lado, e o Senhor Valentino a olhar para nós, mudo e sem nos ver. Esperamos no escuro do silêncio até que o Andrei abre a porta e a luz do corredor entra na sala.

— És tu, Anatoli?

«As folhas caídas das árvores giram à minha volta com o vento, mas aperto mais o casaco, porque nem o vento nem as folhas-bailarinas me alegam com a melancolia, só me deixam ensopado em tristeza, como a chuva nos faz por vezes. Os homens não choram. Avanço. Os gatos que vejo alinhados na rua voltam a ser árvores e a Babushka, deitada na cama de hospital, é uma criança que aumentou e encolheu.»

Babushka está doente. Esta russa idosa, emigrante no Canadá, sobreviveu ao acidente nuclear de Chernobyl. Esconde no peito a doença que a obriga a respirar a contratempo e lhe impõe uma *tosse longa e larga e comprida e sem fim* — um mal que a faz viver mergulhada nas memórias do seu passado luminoso, a neve pura da Rússia, recordação sob recordação.

Na fronteira com a realidade caminha o seu neto mais novo, de dez anos, um menino que não desiste de puxar o fio à meada e de tentar devolver a avó ao presente. Para ajudar Babushka, precisa de encontrar uma solução para os seus *pulmões destruídos, sacos rasgados e quase vazios* — mesmo que isso o obrigue a crescer de repente e partir em busca de uma planta milagrosa, o segredo que poderá salvar a família e completar a matriosca que só ele vê.

Narrado na primeira pessoa e escrito a partir da perspetiva de uma criança, *A Avó e a Neve Russa* é um livro feito da inocência e da coragem com que se veste o deslumbramento das infâncias. Romance simples e emotivo sobre a força da memória e da abnegação, relata a peregrinação de um neto através da esperança, do Canadá ao México, para encontrar a possibilidade de um final feliz.



ELSINORE entre nós e as palavras 20120 editora	ISBN 978-989-8843-65-4 9 789898 843654 Ficção em Língua Portuguesa
YOU ARE WELCOME TO WWW.ELSINORE.PT	